

PRINCÍPIOS
BÍBLICOS
DE
REUNIÃO

Alfred P. Gibbs

Edições Cristãs

PRINCÍPIOS BÍBLICOS
DE REUNIÃO

Este tema foi escolhido com a finalidade de ajudar os jovens crentes das várias assembleias do povo de Deus a alcançarem uma compreensão melhor das verdades da assembleia ou igreja.

Por “verdade da assembleia” queremos dizer: em primeiro lugar, o fundamento bíblico para este modo de reunião como crentes; em segundo lugar, a posição do cristão neste agrupamento; em terceiro lugar, os privilégios e responsabilidades a este tipo de reunião.

A Palavra de Deus exorta o cristão: “Santificai a Cristo como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão, da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor” (1 Pedro 3.15-16).

Suponhamos que a pergunta, tema deste livro, fosse feita a cada um daqueles que se associa com o grupo chamado “irmãos”. Qual seria a resposta? Quantos poderiam dar uma razão bíblica à pergunta “por que você se reúne com os crentes desta forma”? Creio que, lamentavelmente, muitos jovens, e muitos velhos também, que podem dar uma razão bíblica para a sua certeza de salvação eterna não poderiam dar uma razão semelhantemente bíblica para explicar porque se reúnem desta forma.

Certamente, uma é tão necessária quanto a outra, pois Aquele que assegura e garante a nossa salvação através da Sua Palavra inspirada não nos deixa em dúvida, através da mesma Palavra, quanto à maneira pela qual devemos nos reunir em comunhão cristã.

Ultimamente, o ensino a respeito deste assunto tem sido negligenciado, a ponto de termos em nossas reuniões um grupo de jovens que não sabem *onde* estão e *porque* estão aí.

Não têm convicções quanto aos princípios divinos de reunião e, em muitos casos, estão vagando de um lado para outro à mercê de toda e qualquer opinião humana. Diferem dos discípulos da igreja primitiva por não terem um relacionamento definitivo com uma companhia que poderia ser chamada de seus “irmãos” (Atos 4.23).

Em outros lugares, por outro lado, este ministério tem sido por demais focado, em detrimento de outras verdades bíblicas, o que tem fomentado um espírito sectário, também deplorável.

A primeira pergunta que se faz naturalmente depois da conversão é: “Onde irei e com quem me reunirei para estar

em comunhão como igreja?” Haverá muitas vozes conselheiras, fazendo-se ouvir. Alguns dirão: “Você deve ir onde receba alimento espiritual, não importando o nome de tal agrupamento”. Outros dirão: “Você deve ir onde se sinta bem socialmente, onde haja muitos jovens e bastante animação”. Ainda, outros dirão: “Você deve ajuntar-se à igreja de sua preferência, deixando-se guiar pelo seu gosto”.

O crente sincero, porém, não se deixará guiar por tais conselhos, antes perguntará a si mesmo: “Será que Aquele que me salvou pela Sua graça, dando-me certeza de Suas bênçãos, através da Sua Palavra, não dará também instrução, pela mesma Palavra, a respeito de quem e como eu me devo reunir?”

Passará, em seguida, a procurar nas Escrituras o que Deus tem a dizer a respeito deste assunto tão importante. Deve ser a obrigação solene de cada cristão estudar a Palavra de Deus *por si mesmo*, a fim de ter certeza absoluta de que está entre aqueles que o próprio Senhor aprova como seus companheiros de comunhão cristã.

Chegamos, assim, ao assunto de *princípios bíblicos de reunião*. Uma vez que usaremos esta expressão com frequência, é bom definirmos o que queremos dizer com isto. A palavra “*princípios*” é usada significando aquilo que é essencial a qualquer coisa, a ponto de determinar a sua natureza. É uma regra ou lei básica de ação, principalmente de ação correta, assumida consciente e resolutamente. É a característica essencial de alguma coisa e a fonte da qual procede.

Falamos de “um homem de princípios”, querendo dizer que a vida desta pessoa é pautada por certas leis corretas e definitivas que motivam e controlam suas ações. Um princípio correto é sempre correto, sejam quais forem as circunstâncias de determinado caso. Nem o tempo, nem o lugar e muito menos as circunstâncias afetam a essência de um princípio certo.

Pela palavra “*bíblico*” queremos dizer aquilo que está dentro do ensino geral da Palavra de Deus, como preceito, apoiado na prática. Notemos a expressão: “ensino geral da Palavra de Deus”. A maioria das heresias pode mostrar um verso bíblico que *aparentemente* apoia o seu ensino, mas quando uma heresia, ou doutrina errônea, é examinada à luz de toda a Bíblia, sua falsidade se torna, imediatamente, aparente.

“*Nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação*” (1 Pedro 1.20). Isto simplesmente significa que da afirmação bíblica deve ser interpretada à luz de todas as outras passagens bíblicas sobre o mesmo assunto. É muito importante lembrar-nos disto ao estudarmos a Palavra de Deus.

Pela palavra “*reunião*” queremos dizer o ajuntamento dos cristãos com um propósito definido, ou seja, a adoração, oração ou ministério da Palavra. Esperamos, portanto, que a expressão “*princípios bíblicos de reunião*” tenha sido, assim, esclarecida.

Gostaria de dizer que eu me converti entre os cristãos chamados “irmãos”. O uso do termo “irmãos” neste livro não deve ser entendido como um título sectário que distingue certos crentes de outros cristãos. Este nome se refere a todo crente verdadeiro em qualquer lugar, independente do nome que ele usar.

Nunca tinha ouvido a mensagem clara e simples da graça de Deus até que, com a idade de vinte e um anos, a ouvi através da pregação feita pelos “irmãos”. Talvez seja interessante esclarecer que, espalhadas pelo mundo todo, existem inúmeras congregações de crentes que se reúnem simplesmente como cristãos para pôr em prática os princípios bíblicos de reunião claramente revelados na Palavra de Deus.

Onde quer que tal congregação se reúna, o testemunho evangélico é mantido e assim muitíssimas almas preciosas

chegam ao conhecimento do Filho de Deus, crendo nEle para a vida eterna.

Estes crentes, devido ao fato de se recusarem a criar qualquer nome que não seja comum a todos os cristãos e que não inclua todos os verdadeiros crentes, são chamados “irmãos”.

Depois de minha conversão, naturalmente desejei associar-me àqueles que foram instrumento, usado por Deus, para fazer com que eu conhecesse a Cristo como meu Salvador pessoal.

Este fato, porém, de alguém encontrar a Cristo através da pregação de um determinado grupo de pessoas, não justifica, por si mesmo, a permanência do convertido dentro dos limites desta companhia porque talvez, entre eles, não esteja de acordo com a Palavra de Deus, o que seria um empecilho para o crescimento do novo convertido na graça e no conhecimento de seu Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Lutero foi salvo no abrigo da Igreja Católica Romana. Será que ele deveria ter permanecido naquele círculo eclesiástico que não só ignorava, mas negava certas verdades reveladas na Palavra de Deus?

Se todos os cristãos que foram salvos enquanto estavam na Igreja Católica Romana tivessem permanecido na mesma, não teria havido, humanamente falando, a Reforma e nem a Bíblia estaria ao alcance do povo, não haveria a pregação pura e simples do Evangelho e nem a liberdade de pensamento e de ação bíblica que conhecemos hoje em dia.

Estes homens, pelos quais não deveríamos deixar de agradecer a Deus, não se contentaram em ficar onde Deus os havia salvo, mas buscando nas Escrituras por si mesmos e descobrindo o que havia de não bíblico em sua posição, separaram-se daquilo que não estava de acordo com a Palavra de Deus.

Seria bom se cada crente não descansasse até ter a certeza, através do Livro infalível, que os princípios que norteiam a assembleia com a qual se reúne suportam o teste do ensino geral das Escrituras. Uma vez resolvida esta questão, ele só se sentirá feliz fazendo parte de um grupo assim.

Jovens crentes, firmem-se, através do estudo diligente da Palavra de Deus, a estes princípios básicos de reunião! Provarão ser uma verdadeira âncora para sua almas nestes dias tempestuosos de decadência, negação, dúvida e apostasia!

Faremos, a seguir, uma pergunta, de forma pessoal, através da qual estudaremos os “princípios bíblicos de reunião”: “Por que eu me congrego com aqueles que são conhecidos como “irmãos”.

Tentaremos responder de maneira ordeira, clara e o mais simples possível, a fim de que não fique dúvida na mente do leitor. Apresentaremos oito razões distintas para esta nossa atitude.

.oOo.

1

Primeiramente, por que não aceitam qualquer nome que não seja comum a todos os que creem e que não inclua a todos os verdadeiros crentes, sendo que assim se recusam a reconhecer seitas e partidos estabelecidos e apelidados pelos homens.

Seria perder tempo procurar na Bíblia a denominação “batista”, ou “presbiteriano”, ou “congregacional”, ou “metodista”, ou inúmeras outras que poderíamos citar.

Em todas estas denominações há muitos crentes sinceros em nosso Senhor Jesus Cristo e, assim sendo, nós os amamos e com alegria reconhecemo-los como membros do

Corpo de Cristo. Mas não podemos amar ou aceitar denominações porque não são bíblicas em sua formação, pois excluem grande parte do povo de Deus.

Seria todo crente em Cristo um batista, ou um episcopal, ou um luterano, ou um metodista, ou um presbiteriano? É claro que não!

Estas divisões feitas pelo homem *separam o povo de Deus*, dividindo-o em várias companhias distintas. Às vezes, é uma ordenança que o distingue, como acontece com os batistas; às vezes, é uma forma de governo da igreja como acontece com os presbiterianos ou episcopais. Outros, ainda, levam o nome do fundador daquela determinada seita, como os luteranos ou os wesleyanos. Todas estas divisões, porém, não são bíblicas.

Ao abrirmos as páginas do Novo Testamento, descobrimos que o povo de Deus é conhecido por alguns nomes, como “*cristãos*”, “*discípulos*”, “*santos*”, “*crentes*”, “*irmãos*”, etc. Estes títulos descrevem realmente todo o verdadeiro cristão? Sim, pois cada filho de Deus é um “*cristão*”, um “*santo*”, um “*crente*”, “*um discípulo*” e um dos “*irmãos*”. “*Um só é vosso Mestre e vós todos sois irmãos*”, disse o Senhor Jesus Cristo (Mateus 23.8).

O termo “*irmãos*”, portanto, inclui todo aquele que verdadeiramente crê em Cristo, acontecendo o mesmo com todos os outros termos bíblicos que designam o povo de Deus. Imediatamente que alguém é salvo, passa a fazer parte da companhia dos “*irmãos*”, independentemente de qualquer outro nome pelo qual seja chamado ou que ele mesmo se apelide mais tarde.

A Bíblia condena firmemente a divisão do povo de Deus em seitas, partidos e sistemas que excluam de sua convivência muitos cristão de sólida doutrina e de testemunho firme. Este espírito sectário se manifestou bem cedo na assembleia de Corinto e Paulo, inspirado pelo

Espírito de Deus, repreendeu-o, dizendo: *“Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem? Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo; e outro, eu, de Apolo; não é evidente que andais segundo os homens? Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um”* (1 Coríntios 3.3-5).

Se Paulo tivesse sido crucificado por eles, salvando-os, ou se tivessem sido batizados em seu nome, só então teriam o direito de usar o seu nome como o fundador do partido.

No primeiro capítulo desta epístola ele pergunta: *“Acaso está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós, ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?”* (1 Coríntios 1.13).

Pensemos nas inúmeras denominações nas quais o Cristianismo está dividido! Será isto de Deus? Respondemos com firmeza e com ênfase: *“Não, mil vezes não!”*

Isto é coisa de homens e o resultado, não de espiritualidade, mas de carnalidade, o que resultou na separação do povo de Deus e não na união do mesmo!

Na Sua maravilhosa oração, pouco antes de ser levado à cruz, o nosso Salvador pedia que o Seu povo fosse *“Um, para que o mudo creia que Tu Me enviaste”* (João 17.21).

A multiplicidade de denominações certamente não colabora para apresentar uma figura de união ao mundo, pelo contrário, a imagem é de divisão e de confusão.

Muitos crentes se desculgam de sua denominação, dizendo: *“Mas o que tem um nome? Temos todos o mesmo alvo. Vamos todo para o mesmo lugar!”* Tenho certeza que não seriam da mesma opinião se alguém falsificasse o seu nome, escrevendo-o num cheque e descontando-o, a seguir, no banco!

Qual seria a reação dos maridos cujas esposas, de repente, resolvessem mudar de nome, assumindo outro mais adequado a sua fantasia poética? Estes maridos certamente diriam: “Eu lhe dei o meu nome quando nos casamos e você não pode mudá-lo só porque quer!” Por que, então, deveríamos mudar o nome que Cristo deu a Seu povo que comprou com o Seu sangue, substituindo-o por outro de nossa própria imaginação?

Tenta-se, também, comparar as várias denominações do Cristianismo com os diferentes regimentos de um exército, cada um separado do outro, porém, todos unidos no propósito comum de defender o país de alguma força invasora, ou para o ataque do inimigo de acordo com os ditames da autoridade militar. Tal ilustração, porém, não se aplica a este caso porque o denominacionalismo não se contenta com as ordens de marcha do Comandante Chefe, de acordo com Sua Palavra, antes substitui-as pelas suas próprias regras e pelo seu regulamento, praticamente negando a Sua autoridade suprema para a prática da fé.

A exposição das denominações rivais, cada uma sob a sua própria bandeira, cada uma comandada pelo general de sua escolha e cada uma tentando ter a preeminência certamente não se assemelha a um exército unido sob o controle absoluto de seu comandante chefe!

Frequentemente poderemos ver no sábado à noite grandes ajuntamentos de crentes cantando sabidamente um hino que diz: “Não estamos divididos, somos todos um; um em esperança, em doutrina e em amor”. O amanhecer do domingo, presencia uma contradição muito triste a esta abençoada verdade, enquanto cada cristão se dirige ao prédio onde se reúne a sua denominação.

Para muitos, as palavras do hino apenas são a expressão de uma linda *teoria* para ser cantada e não uma *realidade* abençoada para ser *praticada* e apreciada! A grande verdade que o Espírito de Deus enfatizou através de Paulo precisa ser

proclamada aos quatro cantos: *“Todos vós sois um em Cristo Jesus”* (Gálatas 3.28).

Conta-se a história de dois cristãos que se encontraram pela primeira vez em uma viagem de trem. Depois de conversa agradável sobre as coisas de Deus, um deles perguntou: “E você pertence a qual denominação?” O outro respondeu: “É este o meu problema e você talvez me possa ajudar. Supondo que você tivesse apenas a Palavra de Deus para guiá-lo, que denominação aconselharia a seguir?”

Seu companheiro de viagem pensou um pouco e depois disse: “Bom, se eu tivesse apenas a Palavra de Deus como autoridade não poderia aconselhá-lo a juntar-se a nenhuma!” “É esta exatamente a minha posição”, respondeu o outro, “e, portanto, eu me reúno com aqueles que procuram viver o que acham escrito na Palavra de Deus e que procuram reunir-se em o nome do Senhor Jesus Cristo, apenas, separados de toda a confusão trazida pelo grande número de denominações”.

É esta a posição daqueles que são conhecidos como “irmãos”. Recusam-se a aceitar qualquer nome que não inclua todos os crentes e firmemente repudiam estas divisões feitas pelos homens com os nomes que não são comuns a todo o povo de Deus.

Alguns dizem que estes grupos assim chamados “irmãos” formam uma seita como todas as outras, o que, porém, não é verdade. O fato de uma companhia ser chamada de seita não a faz uma seita. É preciso que tudo seja examinado à luz da Palavra de Deus. Naturalmente, aqueles que fazem parte de uma seita procurarão justificar-se, chamando os outros, que não entendam as coisas exatamente como eles entendem, de seita, também.

Vamos definir o significado de “seita”. Uma seita é um grupo de pessoas que reivindicam os direitos de uma igreja,

mas que em princípio e em prática desrespeitam os princípios essenciais da Igreja de Deus descrita em o Novo Testamento.

Em outras palavras, uma seita não passa pelo teste de toda a Escritura. Uma seita geralmente adota como característica marcante e distintiva, alguma forma de governo eclesiástico, ou alguma ordenança ou ordenanças, alguma doutrina particular ou o ensino de alguma pessoa.

Suas condições de filiação não toleram a luz do Novo Testamento, pois muitas vezes permitem que pessoas não salvas façam parte do seu rebanho, enquanto excluem muitos cristãos que não podem aceitar o seu credo particular.

O seu funcionamento depende, principalmente, de regras e regulamentos ou “livro de disciplina”, tendo geralmente um ministério de ordenação humana e sua superintendência escolhida por eles mesmos.

Aqueles que se chamam “irmãos” sem hesitação repudiam tais preensões, procurando reunir-se de acordo com o padrão descrito em o Novo Testamento. Por isso, naturalmente se distinguem das seitas, mas não são uma seita, porque não têm outro centro de autoridade que não Cristo.

Eles não têm um nome que não seja comum e que inclua todos os crentes; não têm autoridade que não a Palavra de Deus e nenhuma condição de filiação à assembleia local que não aquelas encontradas na Bíblia, ou seja, que a pessoa seja regenerada, tenha firmeza nas doutrinas fundamentais das Escrituras e esteja vivendo uma vida moral limpa diante do mundo, vida esta que seja uma recomendação para o Evangelho.

Poderíamos observar que nos dias da igreja primitiva havia congregações de cristãos, mas não de “congregacionais”! Havia crentes batizados, mas não “batistas”! Havia presbíteros na igreja, mas não “presbiterianos”! Eles tinham método em suas reuniões, mas

não eram “metodistas”! Tinham bispos na igreja, mas não eram “episcopais”! Todos compartilharam das bênçãos do Pentecostes, mas não havia “pentecostais”! Os irmãos foram todos unidos com Cristo, mas não havia “irmãos unidos”! Reuniam-se simplesmente como cristãos, em o nome do Senhor Jesus Cristo, sendo obedientes à Sua preciosa Palavra.

.oOo.

2

Em segundo lugar, porque reconhecem e deixam-se guiar pela verdade bíblica da unidade da Igreja de Deus, que é o Corpo de Cristo, sendo Ele mesmo Cabeça e cada crente um membro.

Observemos as palavras “reconhecem” e “deixam-se guiar”. Todo cristão inteligente, independente de sua ligação denominacional, está disposto a reconhecer e afirmar que as Escrituras revelam a existência de apenas uma Igreja.

Acontece, porém, que bem poucos parecem estar dispostos a seguir esta revelação levando-a a sua conclusão lógica, deixando-se guiar pela mesma. Uma coisa é confessar certa verdade, mas é outra bem diferente deixar que esta verdade domine a sua vida, levando o indivíduo a pautar por ele a sua conduta.

A mBíblia deixa bem claro que há apenas uma Igreja, chamada “o Coro de Cristo”, da qual Ele é a Cabelça e cada crente um membro. Esta verdada está bem patente em mcitação como: “Assim como nós, conquanto muitos, somos um só corppo em Cristo e membros uns dos outros” (Romanos 12.5); “porqe assimncomo oi mcorppo éum, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim tambpém com respeito a Cristo” (1 Coríntios 12.12); “há somente um ciorpo e um Esoppíriti” (Efésios 4.4); “ora, vós [os crentes] sois corpo

de Cristo e individualmente membros desse corpo” (1 Coríntios 12.27).

Cada pessoa reenerada é desrtita nas Escrturas como alguém que foi ligado, pelo Espírito de Deus, ao Corpo de Cristo, a Igreja. “Pois em um só Espírito, todos nós foimos batizados em um corpo” (a1 Corfintios 12.13).

Cada crente é ligado, não somente à Cabeça que está no céu, mas também a cada outro crente aqui na terra, nos quais habita o Espírito de Deus. Esta é a grande verdade da unidade do corpo. Cristo stá, assim, ligado eternamente com os Sesu e eles, pó sua vez, estão ligadaos uns aos outros: “Todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálata 3.28).

Desde que há apenasum corpo, do qual Cristo é a Cabeça, segue-se que nãohá lugar nomundo para muitos corpos e muiirtaas cabeças, como querem as denominações. Desde que há apenasum corpo, do qual cada crente é membro, como Cristoocmo Cabeça, qual a necessidade de se formar outros corpos que tenham homens como cabeça?

Ninguém pode “juntar-se” à Igreja, que é o corpo de Cristo, como o dedo não pode juntar-se ao corpo. Assim como o dedo não pode juntar-se ao corpo pelo Espírito de Deus quando do seu nascimento físico, também diz-se do cristão que ele é ligado ao corpo pelo Espírito de Deus quando do seu nascimeno espiritual (1 Coríntios 6.17; Efésios 4.16; Colossenses 2.19).

Assim fica claro que a igreja não é uma organização à qual se liga, mas um organismo (o corpo de Cristo) ao qual cada cistao foi igao. Vamos dar ênfase a este fato em nossos pensamentos.

Se é verdade que há *uma* Igreja à qual cada crente é ligado, porque tentar juntar-se a outra? Será que aquilo que Deus uniu não é suficiente? Serpá que aliderança de Cristo não é suficiente para a Igreja? A Palavra de Deus não é autoridade suficiente? Aqueles que se chamam “irmãos”

reconhecem e deixam-se guiar por esta verdade bíblica de um só corpo e procuram não formar outro corpo, antes confessar como suficiente aquilo que Deus já formou.

Assim, eles se reúnem como membros do corpo de Cristo, em sujeição à autoridade da Cabeça e de acordo com os princípios que Ele mesmo estabeleceu em Sua Palavra. É possível algo mais simples ou mais bíblico do que isto?

Em lugar nenhum recebemos ordens de fazer a união, pelo contrário somos exortados a “*preservar*” a unidade “[que Deus já fez] modo Espírito no vínculo da paz” Efésios 4.3). Como é que alguém que já entendeu a verdade de um corpo e de uma Cabeça pode continuar ligado a uma denominação é um problema que só o Tribunal de Cristo irá resolver.

É possível desconhecer a verdade característica das divisões sectárias, que praticamente negam a verdade de um corpo. Mas, depois que se conhece a verdade a este respeito, permanecer com tal ligação é outra coisa.

Quando um cristão não foi esclarecido em relação à verdade que uma denominação é contrária à Palavra de Deus, sua consciência é pura e Deus pode usá-lo; mas o fato de Deus usar tal pessoa não deve ser interpretado como prova de que Deus aprova a sua posição denominacional.

Enquanto alguém anda de acordo com a luz que tem será abençoado, mas infeliz aquele que vê o erro do denominacionalismo e ainda permanece nele! A luz, quando aceita, traz mais luz; mas, quando rejeitada, só pode resultar em escuridão” e como é escura a noite da ignorância voluntária!

Cada igreja local ou assembleia de crentes representa e expressa (ou deve representar) a igreja como um todo, assim como uma pequena gota de orvalho reflete em minúscula o mesmo céu que o grande oceano reflete. Cada igreja local, portanto, deve ter Cristo como Cabeça; crentes, apenas, como

membros; a Palavra de Deus como guia; o Espírito Santo como fonte de poder e glória de Deus como alvo.

A companhia com a qual você se reúne reconhece e deixa-se guiar pela verdade da união de todos os crentes em Cristo ou cria barreiras artificiais que impedem crentes regenerados, de sua doutrina e de vida reta de terem comunhão uns com os outros?

Um grupo assim não tem fundamento em o Novo Testamento e, portanto, não tem autoridade bíblica para seu exercício, para a sua existência e para a sua continuidade.

Os “irmãos” procuram guardar e praticar esta verdade que está claramente revelada no Livro dos livros e, portanto, têm autoridade bíblica para a sua posição.

.oOo.

3

Em terceiro lugar, só aceitam como autoridade a Palavra de Deus, baseando nela a sua forma de reunião e também a manutenção da ordem nas reuniões.

Como os de Bereia, os irmãos “receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim” (Atos 17.11).

Acreditam que não têm o direito de estabelecer novas formas de reunião, como não têm o direito de estabelecer um novo caminho de salvação. Desde que o caminho da salvação, dado por inspiração divina há quase dois mil anos atrás, é suficiente e único para os nossos dias, da mesma forma os princípios divinos de reunião revelada no mesmo Livro são tão necessários para a nossa direção em relação à comunhão da assembleia quanto o foram naqueles dias.

Não nos é possível melhorar ou aperfeiçoar o padrão divino dado por Deus ao Seu povo em o Novo Testamento. Você também acredita nisto? Os “irmãos” acreditam e se comportam de acordo.

Procuraríamos em vão em todo o Novo Testamento para descobrir nele qualquer descrição a algo que se aproxime a uma denominação dos nossos dias: que elege um homem como o seu ministro (para que este assuma todos os encargos de pregação, de ensino, de oração e de liderança na adoração); que se chama por um nome humanamente escolhido; que é organizada por suas próprias leis e pelos seus livros de disciplina; que tem o seu próprio credo, aceito por todos aqueles que queiram unir-ser a ela; que, em muitos casos, acrescenta ritos, ordenanças e cerimônias desconhecidas na Palavra de Deus e que muitas vezes permite que pessoas não salvas sejam agregadas e permaneçam em sua comunhão.

Isto não é distorção dos fatos, pois uma visita e um exame de qualquer das organizações denominacionais logo comprovarão, ao que busca com sinceridade, a veracidade do que acabamos de afirmar.

Lendo o Novo Testamento, principalmente Atos dos Apóstolos, perceberemos a verdade que crentes, e apenas crentes, se reuniam em o nome do Senhor Jesus Cristo (Mateus 18.20) com a finalidade de lembrarem-se do Senhor no partir do pão (Atos 20.7; 1 Coríntios 11.23-24), para a edificação (Atos 2.41-47; 1 Coríntios 12 a 14) e para oração (Mateus 18.20; Atos 4.23-30).

Estas companhias, quer grandes ou pequenas, são chamadas de “*igreja*” ou “*assembleia*”. Encontramos a expressão “*igreja dos santos*” (1 Coríntios 14.33), “*igrejas de Deus*” (1 Tessalonicenses 2.14), “*igrejas*” (Atos 9.31; 15.41; 16.5), “*igrejas de Cristo*” (Romanos 16.16).

Nestas igrejas ou assembleias de crentes não lemos qualquer referência ao “ministro” ou ao “livro de disciplina”, nem ao “credo” ou a qualquer nome como “batista”, “presbiteriano”, etc., pelo qual estas assembleias seriam diferenciadas de outras. Era apenas a sua posição geográfica que as distinguia. Encontramos a “*igreja de Deus que está em Corinto*” (1 Coríntios 1.2), “*as igrejas da Galácia*” (Gálatas 1.2), etc.

A igreja que estava em Corinto incluía todos os crentes em Cristo daquela cidade. Uma carta endereçada à igreja de Deus em São Paulo, ou qualquer outra cidade que você queira citar, incluiria cada pessoa regenerada naquela cidade, porque o termo inclui todos os que, pelo Espírito de Deus, se juntaram ao Corpo de Cristo.

Na Igreja, que é o Seu Corpo, Cristo, a Cabeça, fornece todos os dons para a edificação ou sustentação de todo o corpo de crentes. Estes dons são evangelistas, pastores e mestres (Efésios 4.8-16).

Este são reconhecidos e realizam seu ministério na assembleia local e com a comunhão de todo os seus membros. Temos também bispos (ou presbíteros) e diáconos nestas igrejas, como, por exemplo, em Filipos (Filipenses 1.1).

Não há qualquer menção de *uma pessoa* encarregada a quem a assembleia delegava a tarefa de ensinar, pregar e pastorear. Não existe nenhuma referência a “o pastor de uma igreja” ou a “o pregador ou professor de uma igreja”.

A palavra se acha sempre no plural, a não ser onde as exigências e a responsabilidade do seu trabalho são descritas. Na mesma congregação havia pastores, evangelistas, professores, bispos e diáconos. Como é que isto concorda com o que se vê no denominacionalismo moderno?

Se alguém quisesse procurar em o Novo Testamento a maneira de demitir “o pastor da igreja”, logo descobriria que não existe tal pessoa citada na Bíblia e nem mesmo sugerida.

Há dois tipos de problemas que afetam a congregação dos cristãos: os bíblicos e os não bíblicos.

Os primeiros podem ser resolvidos de acordo com a direção da Bíblia, mas os segundos necessariamente terão de ser resolvidos de acordo com os livros de estatutos e de leis formulados pelo próprio homem. Todos os grupos têm seus problemas porque a carne está presente mesmo naqueles que se reúnem em preceitos estritamente bíblicos, porém, em tal caso, estes problemas são previstos e o remédio ou solução para os mesmos é fornecida pela Palavra de Deus.

Por exemplo, temos um grupo de cristãos que têm agido sem amor, com ciúmes e contendas e permanecem sem julgamento na assembleia, o Espírito Santo se entristece e o Seu poder não se manifesta, resultando em confusão e aridez espiritual. Qual o remédio?

Há duas soluções. Uma é que cada crente daquela assembleia se humilhe perante Deus, confessando seu pecado e pedindo a restauração dos seus irmãos; assim Deus terá liberdade de ação, podendo reavivar os cristãos com a certeza e consciência de Sua presença através da liberdade de ação e poder do Espírito Santo.

O outro método é escolher um homem como líder da assembleia, permitindo-lhe que tenha a direção das reuniões, responsabilidade do ministério da Palavra, a distribuição da Ceia, o conduzir as reuniões de oração e a responsabilidade de pregação do Evangelho, então, toda a confusão terá fim.

Qual é o método certo: o primeiro ou o segundo? Esta pergunta só pode ter uma resposta. Todo filho de Deus concordará em afirmar que o primeiro método honra a Deus e é a solução bíblica. O outro método se vê no denominacionalismo com os seus consequentes males, como o clero, a hierarquia, os sínodos, concílios, estatutos, etc.

Não podemos deixar de dizer enfaticamente que os *princípios bíblicos de reunião* exigem *poder bíblico*, ou seja, o Espírito Santo para o seu andamento.

Quando este poder não está presente, a confusão reina. Neste caso, não são os princípios que falharam, mas as pessoas. E desde que o povo de Deus seja restaurado pela transformação de seu coração, o poder será novamente evidente.

Os princípios, sendo bíblicos, estão sempre certos; portanto, devemos cuidar para não ajustar os princípios da Palavra de Deus à nossa forma de reunião, antes, é preciso ajustar a nossa forma de reunião aos princípios encontrados nas Sagradas Escrituras. Está bem claro?

Enquanto a carne estiver presente na igreja de Deus, haverá manifestações da mesma que deixarão a sua marca de tristeza, mas os princípios das Escrituras permanecem imutáveis.

O apóstolo Paulo em 1 Coríntios 14, repreendeu os cristãos pelo seu comportamento vergonhoso na assembleia, o que havia resultado em desordem e vergonha, mas nem uma vez ele disse ou sugeriu que os princípios bíblicos que ele lhes ensinara fossem reformados para que se adaptassem melhor a suas ideias carnais e a seu triste estado de alma.

.oOo.

4

Em quarto lugar, estão lealmente comprometidos com a Pessoa e a Obra do Senhor Jesus Cristo.

Em outras palavras, procuram reconhecer e manter a suprema autoridade e domínio de Cristo como Cabeça (Colosseses 1.18; 2.19). Nada que desonre a Pessoa e a Obra de Cristo é aceito ou permitido por um instante qualquer em

suas assembleias e isto em qualquer parte do mundo em que se reúnam.

Afirmam constantemente a divindade essencial do Filho de Deus, igual e eterno como o Pai e o Espírito Santo e a necessidade e eficácia do sacrifício vicário de Cristo como único meio de salvação.

Os que se reúnem com os chamados “irmãos” podem não se destacar pelos dons de oratória que possuam, mas uma coisa é certa: sempre que alguém se propõe pregar o Evangelho a Pessoa de Cristo é exaltada e Sua eterna divindade é confessada, assim como a suficiência da Obra da redenção que Cristo realizou pelo derramamento de Seu precioso sangue é proclamada sem rodeios.

Seria bom que isto acontecesse em todos os ajuntamentos denominacionais, mas infelizmente muitas vezes é mais exceção do que regra!

Muitos púlpitos são ocupados por homens que negam a divindade de Cristo, desmerecem a doutrina da redenção pelo Seu sangue e se recusam a aceitar a Bíblia como a Palavra inspirada de Deus.

O pior de tudo é que muitos cristãos professos não percebem a incoerência deste tipo de pregação que nega o Senhor e anula o Seu Evangelho.

Pela sua presença e pelo seu apoio financeiro a uma tal organização ajudam a perpetuar esta situação verdadeiramente desgraçada. A divindade de Cristo é pedra fundamental do Cristianismo.

Qualquer pessoa que nega a divindade de Cristo não é um cristão e, portanto, não deve ter lugar em um púlpito reconhecidamente cristão. Qualquer companhia que aceita um pregador que nega a divindade de Cristo e a Sua Obra redentora não é o grupo ao que se deve juntar um filho, verdadeiro e fiel, de Deus. Se Cristo não é Deus, então não

precisamos dEle. Mas se Cristo é Deus, então não podemos ficar sem Ele!

Continuar na companhia de crentes professos que permitem que se pregue doutrina errônea sem contestá-la ou condená-la é falta de lealdade para a Pessoa e a Obra do Senhor Jesus Cristo. Continuar associando-se a tal grupo é dar a ele seu apoio.

A Palavra de Deus é bem clara quanto à atitude do cristão em tal situação: *“Que união do crente com o incrédulo?... Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras. Eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para Mim, filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso”* (2 Coríntios 6.15-18). *“As más conversações corrompem os bons costumes”* é o que a Bíblia afirma (1 Coríntios 15.33). O homem é conhecido pelas companhias que tem.

É muito melhor para qualquer pessoa permanecer sozinha ao lado daquilo que ele sabe ser a verdade das Escrituras Sagradas e a honra do Filho de Deus do que ser contado junto com aqueles que são inimigos do Senhor e blasfemam o Seu Nome.

Lealdade ao comandante é essencial ao ataque unido de um exército contra o inimigo comum. O que será de um exército se parte de seus soldados não enfrentassem o inimigo, temendo que alguns de seus companheiros atacassem por detrás?

Esta é a situação em muitas denominações, onde pontos de vista errôneos e desrespeitosos à Pessoa e Obra do Filho de Deus são tolerados. O membro de uma tal organização nunca sabe quando a divindade do seu Senhor será atacada do púlpito, quando a eficácia do Seu precioso sangue será ridicularizada ou negada e quando a verdade e a autoridade da Palavra de Deus será questionada.

Graças a Deus, isto não se aplica entre as muitas assembleias de crentes conhecidos como “irmãos”, espalhadas por todo o mundo.

.oOo.

5

Em quinto lugar, recebem em suas assembleias a todos aqueles a quem Cristo recebeu, para a glória de Deus.

Isto é, todas as pessoas regeneradas que têm bases doutrinárias sólidas e que andam em santidade diante do mundo. Estabelecer qualquer outra condição para se receber qualquer pessoa à mesa do Senhor e aos privilégios da assembleia é agir de maneira sectária que não tem base bíblica e que só serve para trazer confusão e desonra à companhia dos cristãos.

Uma leitura cuidadosa do livro de Atos dos Apóstolos e das Epístolas mostrará que a igreja primitiva era composta de crentes o Senhor Jesus Cristo e não era um grupo heterogêneo de salvos e de não salvos.

Cada cristão se associava automaticamente com as assembleias logo que se convertia. Não havia necessidade de se perguntar naquele dia: “Que denominação frequentarei?” Havia um único lugar para o filho de Deus e este era o lugar onde os crentes se reuniam em nome do Senhor Jesus para oração, louvor, adoração ou para o ministério da Palavra.

No dia de Pentecostes, aqueles que receberam a Palavra de bom grado foram batizados e acrescentados à assembleia que já havia sido formada pelo Espírito de Deus (Atos 2.41). Pedro e João depois de sua prisão e libertação, “*procuraram os irmãos*” (Atos 4.23). Lemos também “*mas dos restantes [os não salvos] ninguém ousava ajuntar-se eles*” (Atos 5.13).

Simão, um falso professo, teve que ouvir as palavras de Pedro: “*Não tens parte nem sorte neste ministério*” (Atos 8.18-23). Saulo de Tarso, depois de sua conversão, “*permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos*” (Atos 9.19). Quando chegou a Jerusalém e “*procurou juntar-se com os discípulos*”, os cristãos estavam com medo de recebê-lo porque ele havia sido um inimigo ferrenho dos que amavam a Cristo até que Barnabé contou-lhes da sua conversão; ele, então, foi recebido com alegria (Atos 9.26).

Esta história se repete vez após vez em Atos. O apóstolo Paulo foi grandemente usado por Deus através da pregação do Evangelho e do ensino da Palavra para estabelecer pequenas assembleias de crentes que se reuniam em nome do Senhor Jesus Cristo.

A estas assembleias locais *todo* cristão moral e doutrinariamente sadio era bem-vindo.

Nos primeiros dias do Cristianismo, era hábito dos cristãos que se deslocavam de uma cidade para outra levarem uma carta de sua igreja de origem, recomendando-o ao amor e cuidado dos irmãos da cidade para onde iam (2 Coríntios 3.1). Desta forma era quase certo saber que *apenas* verdadeiros crentes se reuniam à mesa do Senhor para lembrar da Sua morte. Uma carta de recomendação tem sua utilidade e finalidade, porém, não se pode permitir que o seu uso se torne uma lei ou uma regra rígida e, muito menos, uma condição imprescindível para que o crente seja recebido à mesa do Senhor. Isto seria mero formalismo.

O Novo Testamento se ocupa em *princípios* e não em *regras* a este respeito. A visão de salvos e de não salvos unidos por um laço comum de filiação à comunhão de uma igreja, que é o que temos diante de nossos olhos no cristianismo moderno, não tem fundamento em o Novo Testamento, onde lemos que “*todos os que creram estavam juntos*” (Atos 2.44).

Os “irmãos” têm procurado voltar a estes princípios neotestamentários de reunião e nenhuma pessoa reconhecidamente não salva é admitida à comunhão da Ceia do Senhor, ou participa da comunhão da assembleia.

Também qualquer pessoa infiel aos fundamentos da Palavra de Deus ou que viva em pecado é impedida de continuar em comunhão com a assembleia. Se qualquer pessoa, depois de um exame cuidadoso e justo, estiver comprovadamente ensinando doutrina falsa, se tiver imoralidade na vida ou for culpada de qualquer dos pecados citados em 1 Coríntios 5.11, ela é afastada de sua congregação até que fique bem clara a restauração, de coração, ao Senhor (1 Coríntios 5.11-13; 2 Coríntios 2.6-8).

O “irmãos” afirmam, e com razão, que, como a Ceia do Senhor pertence ao Senhor, esta só pode ser compartilhada por aqueles que são do Senhor, pois Ele convida apenas os Seus remidos para que assim se lembrem dEle.

O grupo de cristãos apenas *recebe* o irmão que está firmemente fundamentado em doutrina, que vive uma vida moralmente sadia e que já entendeu, através da Palavra de Deus, que é seu privilégio e sua responsabilidade fazer parte de um grupo tal.

Se você, depois de ler e estudar a Palavra de Deus, chegar a reconhecer que seu lugar é entre aqueles que assim se reúnem em nome do Senhor Jesus Cristo, em simplicidade bíblica, separados de rituais eclesiásticos inventados pelo homem, então manifeste este desejo a uma assembleia de cristãos.

Eles, por sua vez, irão entrevistá-lo para verificar se você pode dar uma razão da esperança que está em você e procurar saber se sua vida é reta. Uma vez resolvida esta questão, com alegria eles o receberão para que você compartilhe com eles a comunhão cristã e dos privilégios que são o direito de todo verdadeiro crente em Cristo.

Em sexto lugar, eles observam as ordenanças dadas à Igreja pelo Senhor Jesus Cristo, de maneira bíblica.

Estas ordenanças são duas: o batismo e a Ceia do Senhor, sendo que a primeira é ministrada ao cristão uma vez e a segunda é cumprida pelo cristão muitas vezes.

O BATISMO é a figura ou símbolo dado por Deus da morte do crente, do seu sepultamento e da sua ressurreição em Cristo. Pelo batismo a água o crente confessa a sua identificação com o Senhor Jesus em Sua morte e a sua resolução de andar em novidade de vida para a glória d'Aquele que passou por todas as ondas e vagas da ira de Deus para livrá-lo da pena e do poder do pecado e para guardá-lo deste presente tempo de maldade (Salmo 22.1-21; 88.1-18; Romanos 6.1-14; Gálatas 1.4).

A ordem do Salvador a Seus discípulos foi: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século”* (Mateus 28.19-20).

Em obediência a este mandamento, os “irmãos” saíram pregando o Evangelho, colocando diante daqueles que confessam Cristo como Senhor a verdade a respeito do batismo, sendo que os que creem são batizados ou imersos em água, em atitude simbólica do seu sepultamento com Cristo.

Não encontramos em o Novo Testamento qualquer ensino a respeito de batismo antes da profissão de fé do indivíduo. A ordem bíblica do batismo do cristão é: *“Quem crer e for batizado”*

(Marcos 16.16). Procure a história da Igreja de acordo com os Atos dos Apóstolos e não encontrará um único caso de batismo infantil encionado.

O crer é pré-requisito para o batismo e este crer em através de ouvir inteligentemente a mensagem do Evangelho (Romanos 10.6-17). Se dúvida, um bebê não se encaixa nesta categoria.

Sobre a teoria do chamado “batismo de famílias”, que conclui que todos os membros da família de um crente, mesmo as crianças, só poderemos citar as palavras de C. H. Mackintosh, autor do excelente e muito conhecido livro “Nota sobre o Pentateuco”, que escreveu: “Eu creio que a atitude de nossos amigos ao incentivarem o batismo de famílias levará a resultados desastrosos, se Deus em Sua misericórdia não interceder. Eu só posso dizer que durante trinta e dois anos que tenho procurado em vão uma única linha das Escrituras que autorize o batismo de qualquer pessoa a não ser daquela que crê. Tenho ouvido conferências, conclusões e deduções, mas de autoridade bíblica, nenhuma”.

Muitos cristãos parecem considerar o batismo de água como algo não essencial e o tratam com indiferença, dizendo: “Bem, a nossa salvação não depende do batismo, então não há razão para preocupação”. Mas certamente uma ordem clara do Senhor não é algo sem importância para o crente.

É verdade que o batismo não assegura a salvação eterna da alma e a sua aceitação diante de Deus, mas certamente é necessário para a obediência ao Senhor Jesus Cristo se foi Ele que ordenou.

Embora o Senhor ponha a responsabilidade do batismo sobre aqueles que pregam o Evangelho (Mateus 28.18; Marcos 16.15-16), é, sem dúvida, desejável que o crente, em espírito de oração, procure fazer cumprir em sua vida esta ordenança divinamente apontada de acordo com os ensinamentos das Escrituras, principalmente em vista do profundo

significado espiritual que o acompanha. Leia Romanos 6.1-14, com cuidado.

Embora reconhecendo, sem sombra de dúvida, que o batismo por imersão, depois a profissão de fé em Cristo é o ensino do Novo Testamento, devemos ter cuidado para não fazer desta ordenança a “porta de entrada” para a participação da Ceia do Senhor.

E nem deve ser ele a base do nosso relacionamento com outros cristãos, pessoas que não compreenderam da Palavra de Deus as verdades claras do batismo do cristão ou do privilégio de se reunir na simplicidade bíblica.

É preciso ter em mente o fato de que eu hoje vivo em meio a uma situação que o Novo Testamento desconhece, isto é, sendo grande parte da humanidade já batizada. Quase todo o cristão que encontramos já passou por alguma forma de batismo. Em muitos casos foi aspergido com água quando criança e, posteriormente, ao ser salvo pela graça de Deus, ele imagina que a sua crisma é o equivalente ao batismo do cristão e sua denominação apoia esta crença.

Sem dúvida, devemos colocar diante dessa pessoa de maneira carinhosa, educada e cristã o ensino da Palavra de Deus a este respeito, mas, ao mesmo tempo, não esqueçamos que todo cristão é um filho de Deus e faz parte do corpo de Cristo. Estejamos prontos a atender a todos os que “pertencem a Cristo” aquele amor cristão, aquele carinho e compreensão que a Cabeça do corpo declarou ser uma das características do verdadeiro discipulado (João 13.34-35; 1 João 3.14-15; 4.20; 5.1).

Muitos cristãos sinceramente tropeçam por causa de atitude agressiva, crítica, desdenhosa e falta de amor de um cristão mais esclarecido ou mesmo por parte de um grupo cristão que falham em não levar em consideração o seu ambiente espiritual.

Vamos pensar com cuidado e oração nas palavras inspiradas do apóstolo: “A ninguém [a]em fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor” (Romanos 13.8) e “portanto, acolheivos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Romanos 15.7).

A CEIA DO SENHOR, como já tivemos oportunidade de ver, é destinada a todos os filhos de Deus que tenham vida e doutrina sã. Um exame da prática da igreja primitiva, de acordo com o livro de Atos, parece indicar que os irmãos de cada comunidade se reuniam *em cada dia do Senhor* para anunciar a morte do Senhor pelo partir do pão (Atos 20.7). Vinham em primeiro lugar, não para ouvir a pregação, mas para partir o pão, símbolo do corpo de seu Senhor e Salvador, e também para beber do cálice, símbolo do Seu precioso sangue.

Tem-se amplo testemunho bíblico a respeito desta ordenança.

Na própria noite em que Cristo foi traído, reunindo os Seus discípulos, Ele instituiu esta festa de recordação. Veja Lucas 22.19-20; Mateus 26.26-28; Marcos 14.22-25.

De João 13 parece certo que Judas saiu depois da celebração da festa da Páscoa e antes de ser instituída a Ceia do Senhor. Em 1 Coríntios 11.23-24, esta ordenança da Ceia do Senhor é dada pelo Senhor glorificado em forma de revelação distinta ao Seu servo Paulo, o apóstolo. É introduzida porque os irmãos em Corinto haviam abusado do privilégio da Ceia do Senhor, transformando-a em festa na qual todos satisfaziam o seu apetite de comida e de bebida.

A finalidade e a solenidade desta bendita ordenança são aqui colocadas como revelação direta do Senhor ressurreto em glória e cada cristão deve ler e releer toda esta passagem com cuidado e com oração.

Alguns pensam que na igreja primitiva esta festa era celebrada diariamente (Atos 2.46), mas, quando as igrejas se espalharam pela Ásia, tornou-se costume estabelecido

reunir-se no primeiro dia da semana para aoa partir do pão (Atos20.7).

Veja bem a expressão usada: não era o primeiro dia do trimestre, nem o primeiro domingo do semestre ou do ano. Era no *primeiro dia da semana*. O mesmo tempo é usado outra vez em 1 Coríntios 16.2-1, onde Paulo, falando a coleta para os santos, diz: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade”.

A finalidade principal destes cristãos em nome do Senhor Jesus era embrarem-se da maneira que Ele mesmo instituiu e assim “proclamar morte do Senhor até que venha”.

É isto que os chamados “irmãos” ainda tentam fazer. Em todo o mundo, no horário mais conveniente à maioria dos crentes, os cristãos, e apenas os cristãos, se reúnem em nome do Senhor. No centro, eles têm uma mesa onde são colocados o pão e o vinho. Desde que é a Ceia do Senhor, ninguém desta congregação procura apoderar-se da autoridade ou do senhorio de Cristo, tomando o Seu lugar, ou estabelecendo um programa.

Um irmão se levanta, à medida que o Espírito Santo dirige, e apresenta um hino; outro expressa o louvor da assembleia ou lê ou expõe algum trecho das Escrituras de acordo com a festa de recordação.

Outro levanta e agradece pelo pão que é partido e depois passado de mão em mão para que todos possam participar dele. Talvez outro se levante para dar graças pelo cálice que, após sua vez, é passado a todos.

Assim, em simplicidade bíblica esta festa instituída pelo Senhor é mantida. Não há líder visível presente a esta festa de recordação porque a Bíblia não o instituiu; no entanto, Cristo se acha presente a esta festa de recordação com a Sua promessa: “Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles” (Mateus 18.20) e quem ousaria tomar o Seu lugar?

No entanto, é isto que o clero moderno tem feito, consciente ou inconscientemente, pois o lugar de preeminência pertence Cristo na assembleia dos Seus santos é indevidamente ocupado pelo assim chamado “pastor” que é humanamente ordenado, que “oferece a comunhão” e cuja presença é necessária para a realização da Ceia do Senhor!

Não é este, de forma alguma, o padrão dado em o Novo Testamento e não podemos, em sã consciência, aceitar este desvio do ensino bíblico. As Escrituras deixam bem claro que Cristo é o *Anfitrião* de Sua própria mesa e cada cristão o Seu hóspede privilegiado e honrado.

Esta reunião dos crentes em cada primeiro dia da semana com o intuito de lembrar-se do seu Senhor e de adorá-Lo é como um oásis neste deserto por onde peregrinamos.

Você amigo leitor, tem este privilégio de assim reunir-se de acordo com as instruções do próprio Senhor, proclamando a Sua morte até que Ele volte? Não descanse até que isto seja uma realidade na sua vida e você possa cantar com sinceridade:

“Até que volte o Salvador,
Cercando a mesa do Senhor,
A Ceia vimos celebrar,
De Cristo a morte anunciar
E, com humilde devoção,
Rendê-lo a Deus adoração.

Até que volte o Salvador
Aqui mostremos Seu amor
Com fé real e gratidão.
Participemos deste pão,
Obedientes a Jesus,
Lembrando, assim, a Sua cruz.

Até que volte o Salvador,
Bebendo o cálix do Senhor,

Seu Nome vamos bendizer
E mais e mais engrandecer
O sangue que Ele derramou:
O sangue que nos resgatou!”

(HeC número 530)

.oOo.

7

Em sétimo lugar, eles dão liberdade a todos os cristãos para que exerçam o sacerdócio, dando lugar para o desenvolvimento de todos os dons dados pelo Cristo ressurreto a Sua Igreja.

A terrível heresia que divide a Igreja de Deus em duas classes o “clero” e os “leigos” é totalmente desconhecida em o Novo Testamento.